

DF - Cultura

# Zé Celso investe contra burocratização cultural

Em entrevista ao *Caderno 2*, José Celso Martinez Corrêa diz que é o momento de mudar o vazio que está sendo preenchido pela cultura *cover* do marketing e da burocracia

MARCOS SAVINI

**N**a última quinta-feira, o diretor teatral, José Celso Martinez Corrêa, fez uma rápida e rasteira passagem por Brasília. Convidado para participar de um dos painéis da 1ª Conferência Nacional de Cultura, saiu do auditório Petrônio Portela do Senado Federal sob aplausos, após realizar uma verdadeira performance contra o tom oficial do evento, que chamou de "burocrático" e "mortal para a cultura brasileira".

Em entrevista ao *Caderno 2* — logo após sua participação na conferência e pouco antes de pegar o avião para São Paulo, onde enfrentou a maratona de cinco horas diárias de apresentação da peça *Ham-Let* — Zé Celso fala de cultura brasileira, teatro, reabertura do Teatro Oficina, do espetáculo em cartaz, e de seus próximos projetos.

**Jornal de Brasília — Explique sua intervenção durante o painel que participou na Conferência Nacional de Cultura (Cult 93). Qual é a sua visão das burocracias governamentais na área da cultura no Brasil?**

**Zé Celso** — É difícil de explicar, porque eu nem planejei, foi algo que aconteceu. Não quis fazer uma coisa negativa. Eu disse que se devia fazer uma CPI na vida de quem está realizando cultura neste País, porque a batalha de dinheiro para quem está na roda da cultura é uma coisa impensável, as pessoas nem imaginam. Quando passo na frente de uma padaria, de uma livraria, de uma farmácia, eu tenho que mudar de calçada. Não estou chorando miséria, mas quero chamar atenção de que para se fazer algo na área de marketing, televisão e burocracia — áreas *cover* — não existem problemas. Mas na área de abrir caminhos, de criação, de pesquisa e de invenção — que são as maneiras decisivas de buscar saídas para a crise do País — a dificuldade é muito grande. Este caminho está tendo de ser bancado por aqueles que já se desenrolaram do seu papel de mortal e vivem uma vida mais ou menos de santidade e de heroísmo. E já constatei que não existe nem uma saída "esperta" para isso. Não estou me gabando nem nada, mas se não for essa a condição, não se faz nada no Brasil.

**— Por isso você decidiu reabrir o Teatro Oficina mesmo com a obra inacabada?**

— Foi reaberto exatamente na base deste esforço sobre-humano, mas que realmente eu não troco por nenhum conforto neste mundo. O que se recebe de saúde para corpo e espírito, quando se consegue abrir um caminho e praticá-lo diariamente, é um luxo, uma riqueza sem tamanho. Pode ser que o Teatro Oficina pare de uma hora para outra, que os obstáculos sejam tantos... Mas de qualquer maneira, a luta por isso é maravilhosa. E quando a gente passa para este lado oficial da cultura, tem um embuste total, as pessoas assumem uma



Zé Celso: "O Teatro Oficina foi reaberto na base de um esforço sobre-humano, mas que realmente eu não troco por nenhum conforto neste mundo"

## "BRASÍLIA VIROU UMA CIDADE MILITAR"

**■ Brasília** — "Foi planejada para ser uma cidade teatral. Mas acabou virando uma cidade militar e, depois, uma cidade de gavetas e corrupção. Mas Brasília é superteatral, é um espetáculo. Eu sempre sonhei com a idéia de fazer aqui, na Praça dos Três Poderes, alguma coisa reunindo muitos atores, circo, sinfônica — um grande espetáculo encenando o fim daquele sistema todo no Brasil".

**■ Rouba mas faz** — "Nas minhas peças eu trato muito bem os vilões, com respeito e sensibilidade. As forças da morte são parte da vida. Aquele grito que dei para o Pereirinha durante minha interferência na Cult-93 foi muito consciente. Tem quem diga que ele era corrupto. Não sei, mas ele está pra lá da corrupção, não tinha mesquinhas e se envolvia em jogadas e o diabo para apoiar quem faz de verdade. Veja agora o João Carlos Martins: um excelente pianista envolvido no escândalo

da Pau Brasil. Na minha opinião ele foi o melhor secretário de Cultura de São Paulo".

**■ Ham-Let** — "O traço que coloquei no meio explicita o significado do nome, que é "solta (let) o canastrão (ham)". Hamlet é uma entidade muito antiga no teatro. É um santinho. Eu rezei pra ele na estréia da peça e, para mim, ele simboliza a reabertura do Teatro Oficina".

**■ Tempo longo** — "No início eu tive um pouco de medo em estrear um espetáculo com 4h30 de duração, sem contar o intervalo. As pessoas ficam griladas, acham que isso é um abuso porque muda muito a vida dos atores e técnicos envolvidos, impede as pessoas de fazerem outras coisas. Mas, se der certo, *Ham-Let* abre caminho para *Cacilda* — que será na verdade quatro peças que reunidas fazem uma semana de apresentação.

**■ Cacilda** — "Quero muito fazer esta peça, mas ainda não encontrei a atriz para o pa-

pel. *Cacilda* foi uma extraordinária mulher de teatro, entregue ao palco. O teatro é uma religião de mulheres. Ligada à fecundidade e à maternidade. E a geração de *Cacilda*, Maria De la Costa, Dulcina de Moraes, e até Tônia Carrero, foi uma bonita geração de mulheres antigas. Elas tinham um ego muito grande, faziam sucesso e muito dinheiro. Mas eram generosas e desprendidas, contratavam muita gente, redistribuíam a energia, tinham muita responsabilidade. Tive sorte de conhecer estas mulheres, porque elas foram minhas mães-de-santo, me formaram e me fizeram ver a importância de trabalhar nessa roça que é o teatro. Sou muito grato a elas".

**■ Datado** — "Eu não dou bola quando dizem que meu teatro é datado, parou na década de 60. Vejo que estou sintetizado no eterno presente que é o tempo do teatro, que não tem relação com o tempo das agendas. Se não

acreditasse na contemporaneidade do que faço, eu estaria fazendo pose. Não sou como o General Thomas, que diz pertencer a uma geração *unGláuber* (que em alemão significa *pé-de-rocha, descrente*). Acho ridículo perder a fé, esse cinismo. A primeira pessoa que se estrepia é quem entra nessa de simulacro de vida. Vira uma bobagem andante. Eu tomo partido da loucura da vida e da morte, da aventura que é estar sempre renascendo".

**■ Neocaretas** — "Eu disse, mas não acho mais que as gerações novas sejam assim. Elas estão a fim de viver e de produzir. Eu já me dei mal com a juventude de uns dez anos atrás. Mas aquele foi também um momento político muito difícil. O problema é que o País está fudido e ainda tem uma classe média babaca que só pensa em subir na vida. Mas não dá, a crise tá enorme, e a gente tem de buscar saídas pela criação e pela invenção".

mentos zumbis da Secretaria de Cultura de São Paulo. A verdadeira cultura é uma coisa que não está em lugar nenhum e, ao mesmo tempo, está em todos os lugares. Me surpreendi quando o governador Fleury foi ao Teatro Oficina (porque tem uma cena do massacre do Carandiru no espetáculo) e declarou que ia transformar o teatro numa fundação autônoma à Secretaria de Cultura. Ainda não aconteceu nada disso, mas somos a prova de que é possível furar o bloqueio à criação. Abrimos o teatro e estamos com espetáculo em cartaz.

**— Porque escolheu *Hamlet* para reabrir o Teatro Oficina?**

— Nunca na minha vida eu pensei em fazer Shakespeare. Quando escolho uma peça, procuro algo que me dê força e sintonia com o sistema nervoso geral. Eu estava com *As Bacantes* de Eurípedes pronta, pois todo o Teatro Oficina é bolado e dedicado às Bacantes. Depois escrevi o texto de *Cacilda*. Estava com duas peças prontas e o teatro parado, e foi *Hamlet* que me deu força para reabri-lo. A cultura é um poder, quando você se inspira em alguns poetas e ganha força de ação sobre o mundo — principalmente em situações de crise. Mas no Brasil, um país acostumado à retenção, à prisão de ventre cultural, nada se resolve com criação e pesquisa, mas sempre com cortes: se massacra, exclui, censura — este é o hábito cultural. O Teatro Oficina é o contrário disto. A gente busca a solução criativa, e não a exclusão. O cultivo da vida sempre dá soluções. É como cultivar a roça: joga-se fora o que não presta, os carrapatos, os burocratas, toda gente que está impedindo. O poder da cultura tem que ficar nas mãos dos poetas, dos criadores. Este jogo tem que virar.

**— Em *Hamlet*, você interpreta o fantasma do rei que pede para Hamlet vingar seu assassinato pelo Rei Cláudio — o usurpador do trono. É uma metáfora para tudo isto que você acabou de falar?**

— É sim, mas eu não diria que é uma vingança, mas uma retomada.

**— Mas o texto de Shakespeare termina com a morte de todos...**

— Não sou pessimista. Acredito na retomada da vida na primavera. A nossa montagem do *Hamlet* não termina em morte. Todo mundo sai do túmulo sacudindo latinhas de feijão, chamando à vida. Quando termina as quase cinco horas de espetáculo eu me sinto muito bem, revitalizado. Eu sairia arrasado se não acreditasse em nada. Mas acredito na vida, e as forças da morte são também parte da vida. Trabalho com as duas. Só não quero saber da falsa vida que é a cultura *cover* do marketing, da publicidade, da retenção burocrática. Dá dinheiro e tal, mas prefiro a batalha da criação. Quero ter condições para fazer minhas peças e sobreviver delas, mas não sacrifico meu trabalho por conforto medíocre.

pose que não é verdade. Existe uma luta de classes terrível dentro da cultura. Mais que nunca, hoje Marx é um poeta fantástico! As pessoas que trabalham na área da invenção têm de brigar para ter as condições ideais. Mas o pouco dinheiro que tem para cultura é desviado para a corrupção, para publicidade e para burocracia. E, no Brasil, a área de criação de conhecimento é muito rica, pode ser fonte inclusive de riqueza econômica.

**— Você acredita que o teatro possa voltar a ter o poder**

**de influência social que teve até antes da década de 70 — quando você montou o Rei da Vela e Roda Viva?**

— Claro! Aquela época tem apenas 25 anos. Shakespeare tem quase a idade do Brasil. Eurípedes tem 2.400 anos. Pode ser que dentro de alguns anos o teatro retome a potência que tem, a da comunicação direta — que é muito grande mas está neutralizada neste momento. Houve um golpe militar que desmobilizou esta potência do teatro. Depois disso, veio toda essa

burocratização/marketização da cultura. O que aconteceu foi um aparelhamento semelhante ao Partido Comunista da antiga União Soviética. Este aparelho está no estado, na iniciativa privada e na publicidade — que fazem uma barreira explícita e não deixam passar nada que seja vivo. A gente tem de tirar essa coisa para fluir a energia da produção cultural, e a criação voltar a acontecer no sistema nervoso da cultura brasileira. Após estes anos todos, este é o momento de mudar este estado de putre-

fação absoluta, este vazio que está sendo preenchido pela falsidade burocrática ou mercadológica. Elas são iguais, porque é tudo uma mesma pose, uma bobagem.

**— Não houve apelo oficial à reabertura do Teatro Oficina?**

— A gente conseguiu quebrar o mito deste teatro, fechado por tanto tempo, furando o boicote das empreiteiras e dos burocratas. Mas tínhamos aliados no próprio Governo — porque às vezes uma pessoa sozinha é melhor que todos os departa-